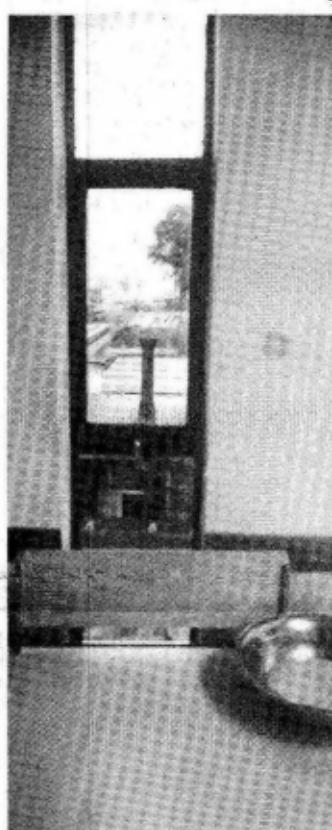


Diretor: Verba só sai com prestígio político

"Por que o Hospital de Base de Brasília que atende todos os casos que aparecem e ainda trabalha em regime de pronto-socorro recebe uma verba menor que o Hospital Sara Kubitschek, já que os dois são públicos e o segundo atende um número bem menor de pacientes"? A pergunta feita ontem pelo diretor-geral do HBB, Márcio Palis Horta, foi respondida por ele mesmo: o Sara Kubitschek tem um diretor com prestígio político e influência no Ministério da Previdência.

Com esta triste constatação Márcio Horta dirige o Hospital de Base. Ele acredita que o componente político na decisão de liberação de verbas é muito importante. Não basta, apenas, o trabalho técnico. "É preciso contato, influência e alinhamento". Todos os problemas enfrentados pelo maior hospital do Distrito Federal (onde o ex-presidente Tancredo Neves foi internado antes de morrer) são do conhecimento da sua diretoria.

Além disso, falta autonomia para algumas decisões importantes como a compra de uma peça para fazer funcionar um aparelho, por exemplo. Para adquirir qualquer material em uma loja da cidade, Márcio Horta e qualquer outro diretor de hospital do DF devem comunicar à Fundação Hospitalar e esta providenciar a compra. Isto pode demorar até meses, a depender da peça que falta.



A chaminé da fuligem

Para pequenos problemas como vazamento de um cano ou a falta de um material que exista no depósito da Fundação Hospitalar (que fica no Setor de Indústrias), o próprio diretor do

Hospital pode agilizar. A manutenção de peças, macas, cadeiras de roda e do material de apoio pode ser feita pela equipe do próprio HBB. Mas estes são os menores problemas. As obras que estão para ser feitas no quarto andar do prédio não dependem de um despacho de Márcio Horta (ou de qualquer outro médico que esteja na direção), e sim de liberação de verbas do Ministério de Planejamento, o que envolve outros critérios que não os técnicos.

PROMESSAS

Até hoje as promessas feitas pela Fundação Hospitalar e Governo do DF não foram aplicadas na prática, apesar de terem sido negociadas como ponto fundamental para pôr fim à greve dos médicos e paramédicos de Brasília. Os hospitais continuam sem material, as instalações sofreram pequenas reformas e o atendimento está sendo feito na base do sacrifício.

O diretor do HBB e os médicos lamentam que, para as reformas previstas nas instalações, não tenham sido consultados, já que eles trabalham diariamente no local e sabem como tudo funciona. Segundo alguns médicos consultados pelo CORREIO BRAZILIENSE, a categoria respeitou o governo ao terminar a greve mas não recebeu o mesmo tratamento das autoridades.



Burocracia atrapalha Horta, sem autonomia para comprar peças para aparelhos médicos